

Notas e informações

Já não há interlocutores

Queixou-se o sr. José Sarney, referindo-se ao multipresidente: "Ulysses Guimarães não sabe o que dizer e não tem proposta a apresentar". O desabafo se refere sobretudo à situação confusa que se formou no Congresso Constituinte, prestes a votar a forma de governo a ser adotada pela futura Lei Magna, sem que se saiba ao certo se chegará a votar o que quer que seja ou se haverá tamanho *impasse* — quando os parlamentares forem chamados a definir-se sobre parlamentarismo ou presidencialismo — que surja em seguida, inevitável, o temido *buraco negro*. Ao que se sabe, há quem queira transformar o deputado Ibsen Pinheiro, líder da bancada do PMDB, em interlocutor válido. Antes, o interlocutor do sr. José Sarney era o deputado Ulysses Guimarães; mas o diálogo entre ambos nunca produziu resultados positivos, travado em ondas de comprimento diferente, ou seja, fora da frequência em que um poderia escutar o outro e ponderar sobre o que lhe estava sendo dito. Contra a pose do *grand seigneur* desta Novíssima República, tão semelhante em tudo e por tudo àquela que antecedeu e que se convencionou caracterizar como velha, o que se via era um chefe de governo tímido, a distinguir o velho cacique peemedebista com requintes de ademanes. Claro, do que dissessem um ao outro nada de concreto resultaria.

Daí a sucessão de crises, cada vez que se mexia em peças-chave da mais alta hierarquia administrativa, como aconteceu quando o sr. Dílson Funaro deixou o ministério, quando o presidente da República não teve ânimo para dar-lhe como sucessor o governador Tasso Jereissati, quando foi obrigado a engolir o nome do professor Bresser Pereira, quando foi compelido a *desembarcar* o ministro Raphael de Almeida Magalhães. Por tudo isso o deputado Guimarães afastou-se; e o arremedo de entendimento que se fazia com ele, ou por intermédio dele, não deu lugar a

nada mais, nem a outro arremedo de troca de idéias, nem a um diálogo consistente, do qual se pudessem extrair conseqüências práticas. O sr. Ulysses Guimarães era o interlocutor forte de um presidente fraco. Saindo da cena que esse mesmo presidente domina, graças à força do cargo que ocupa, não apareceu no lugar dele um interlocutor fraco — fosse para o presidente fraco, fosse para um presidente que se fortaleceria na medida em que seu acanhamento desaparecesse diante de alguém que não o constrangesse.

Some-se a tais circunstâncias especialíssimas a falta de uma maioria que ofereça ao governo a sustentação de que carece no Legislativo e se terá um quadro surrealista como o atual, em que Câmara e Senado não se reúnem, precisamente porque essa maioria não existe, e o Executivo age mediante a expedição pura e simples de decretos-leis que os parlamentares não chegam a examinar e aprovar ou rejeitar; e que acabam sendo, antes de sobrevir o decurso de prazo, substituídos por outros textos que também, oportunamente, dão lugar a novas proposições.

O que se observa hoje no País é uma divisão irreparável, que estilhou muito além do perímetro partidário as correntes em que, normalmente, as agremiações políticas se fracionam, pois não há legendas aptas a abrigar sob suas bandeiras contingentes monolíticos. A UDN tinha sua *bossa nova*, da qual era integrante o então deputado José Sarney; sua *banda de música*, comandada por Carlos Lacerda; seus bacharéis, tendo à frente homens públicos do porte de Prado Kelly, Milton Campos, Aliomar Baleeiro, Oscar Corrêa, Bilac Pinto. O PMDB mesmo, hoje, se debate entre *históricos* (embora muitos dos que reivindicuem o título não sejam tão históricos assim) e *adventistas* de todos os matizes, dopenúltimo e doúltimo dias, chegados na hora de engrossá-lo quando contou com o favor popular. Mas o que sucede neste passo é a pulverização de grupos e subgrupos

dentro dos partidos, que — por sua vez — não têm tradição e serviços prestados à democracia a ponto de se dizer deles que são capazes de sobreviver às causas a que se dedicaram. De fora, o observador experimentado diria, pelo que lhe é dado ver, que cada parlamentar é líder de si mesmo — do que resulta ser o Congresso Constituinte uma numerosa assembléia, em cujo plenário discursam e votam nada menos de 559 líderes...

Como esperar que de tão conspícuo conclave escorram decisões corretas, justas, viáveis, no momento em que o Brasil se defronta com a maior crise de sua história, porque simultaneamente político-institucional, social e econômico-financeira? A quem se dirigirá o presidente da República a fim de conversar com um sonhado interlocutor válido? E, por tudo o que se exa. fez ou não fez, escolhendo certo na hora errada, excessivamente cauteloso, mal assessorado, quem garantirá que ele é, neste momento, o interlocutor válido para qualquer congressista que se disponha a juntar seus companheiros em benefício de uma idéia ou de um ideal e busque formar maioria em torno de fórmulas que traduzam na letra da futura Constituição o interesse público?

Está visto que a *peça*, para continuar e alcançar um *happy end*, está a exigir a troca do elenco. Os *artistas* já disseram ao que vinham — disseram nada. A crise só tende a avolumar-se até desaguar em soluções tão imprevistas como inaceitáveis, a prosseguir no rumo que lhe foi dado. Ou se convocam eleições diretas-já, para todos os níveis, no Executivo e no Legislativo, renovando-se por inteiro os quadros dirigentes do País, ou, pela falta de interlocutores — pela escassa credibilidade de todos os que poderiam cumprir o encargo — para encaminhar o equacionamento dos gravíssimos problemas existentes, se haverá de atingir um gigantesco *impasse* nacional.